Só Nós Sabemos Onde Virar

Nem Toda Proximidade Precisa Ser Marcada no Mapa



Laura Bellini

Só Nós Sabemos Onde Virar

Nem Toda Proximidade Precisa Ser Marcada no Mapa

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384904053

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - A Linha Que Eu Não Queria Mover 12
Capítulo 2 - Os Lugares Aos Quais Voltamos 24
Capítulo 3 - Onde Termina a Certeza 40
Capítulo 4 - Uma Hora Sem Mapas 53
Capítulo 5 - O Direito de Dar Meus Próprios Passos 70
Capítulo 6 - A Distância de Uma Respiração 82
Capítulo 7 - O Que Não Aparece no Mapa 98
Capítulo 8 - As Pessoas Que Ficam 109
Capítulo 9 - O Preço de Escolher o Caminho Certo 122
Capítulo 10 - Fique Quando as Luzes Se Apagarem 135
Capítulo 11 - Uma Manhã Sem Rota Definida 147
Capítulo 12 - Um Lugar Que Pertence Aos Outros 159
Capítulo 13 - Os Limites da Responsabilidade 172
Capítulo 14 - A Verdade Que Precisa Ser Conquistada 183
Capítulo 15 - Uma Promessa Feita a Outra Pessoa 194
Capítulo 16 - Caminhos Que Precisam Se Separar 208
Capítulo 17 - Seguindo Meu Próprio Caminho 220
Capítulo 18 - Um Lugar à Mesa de Todos 232
Capítulo 19 - O Que Realmente Deixamos no Mapa 243
Capítulo 20 - Só Nós Sabemos Onde Virar 256

INTRO

A primeira vez que me perdi em um percurso que eu mesma havia traçado foi numa quinta-feira, às nove e dezessete da manhã.

Não era exatamente uma circunstância que eu pretendia incluir no relatório para a editora.

Eu estava parada diante de uma bifurcação de estradas florestais nos Beskides de Sącz, com o celular em uma das mãos e um mapa de papel na outra, tentando convencer a mim mesma de que o problema estava nos dados desatualizados dos satélites. À minha frente, uma encosta coberta de faias se erguia sobre o terreno. À esquerda, uma trilha descia suavemente entre as árvores; à direita, outra desaparecia atrás de uma curva que, de acordo com o meu projeto, nem sequer deveria existir.

As duas pareciam ser utilizadas com frequência. Nenhuma tinha sinalização.

— Fantástico — murmurei.

A neblina pairava baixa sobre o vale. No ar úmido, eu sentia o cheiro de terra, folhas molhadas e fumaça vinda das casas distantes. Fazia mais frio do que a previsão havia anunciado, e meu suéter de lã, comprado principalmente por causa da cor, demonstrava ser uma proteção bastante ruim contra o frio de novembro.

Na tela do celular, um ponto azul piscava. Segundo o aplicativo, eu estava a poucos metros do traçado da rota planejada. Segundo meus próprios olhos, estava exatamente onde deveria estar.

Eu tinha trinta e um anos, oito anos de experiência na elaboração de mapas turísticos e uma aversão profissional a pessoas que afirmavam que bastava seguir em frente.

Infelizmente, eu acabara de ficar sem ideias melhores.

Escolhi o caminho da direita.

Depois de algumas dezenas de passos, avistei alguém parado perto de um poste de madeira. O homem vestia uma jaqueta escura, um suéter grosso e cinza e botas de caminhada cobertas de lama. Era alto, tinha cabelos escuros e curtos e um rosto no qual a barba de alguns dias parecia mais uma escolha deliberada do que falta de cuidado.

Ele observava meu mapa a alguns metros de distância.

— Por aí, você não vai chegar — disse.

Não perguntou aonde eu pretendia ir. Aquilo me irritou imediatamente.

— E como você sabe aonde estou tentando chegar?

— Porque esse caminho termina logo adiante.

Olhei para além dele.

— No meu mapa, ele continua.

— Nesse caso, seu mapa tem planos mais ambiciosos do que o caminho.

Eu deveria ter ignorado o comentário. Em vez disso, dobrei a folha e me aproximei.

— O caminho foi interditado?

— Não. Ele simplesmente não leva aonde você está pensando.

Ele falava com tranquilidade, sem qualquer traço de superioridade. Sua voz era grave, ligeiramente rouca, como

se tivesse tomado café quente demais naquela manhã ou passado a maior parte da vida conversando ao ar livre.

— Sou cartógrafa — anunciei.

O canto de sua boca se ergueu quase imperceptivelmente.

— Isso explica muita coisa.

— O quê, exatamente?

— Por que você confia mais numa linha desenhada do que nas próprias botas.

Eu já tinha uma resposta pronta, mas a contive no último instante. O homem não me olhava com arrogância. Parecia, na verdade, genuinamente curioso para descobrir o que eu faria.

Aquilo era muito mais perturbador.

— Kaja Soból — apresentei-me, estendendo a mão. — Estou preparando uma nova rota de caminhada para um guia dos Beskides de Sącz.

Ele segurou minha mão. Seus dedos estavam frios, e a pele era áspera de tanto trabalhar ao ar livre. Seu aperto era firme, mas ele não tentou prolongar o contato além do necessário para um cumprimento.

— Szczepan Roj. Guia.

Reconheci o sobrenome imediatamente.

Na lista de colaboradores regionais que a editora havia me enviado, constava justamente Szczepan Roj. O homem responsável pelas consultas de campo, pela avaliação de segurança e pelo contato com os moradores. Deveríamos nos encontrar no dia seguinte, em Piwniczna-Zdrój.

— Você só deveria chegar amanhã.

— E você deveria começar pelo trecho oeste.

Olhei para ele com desconfiança.

— Como sabe disso?

— Recebi o cronograma.

— O cronograma é apenas uma referência.

— Percebi.

Havia diversão em seu olhar, mas também algo mais difícil de definir. Atenção. Como se, em vez de procurar uma maneira de vencer a discussão, ele tentasse descobrir por que era tão importante para mim insistir que estava certa.

Aquilo era desconfortável, porque eu mesma conhecia a resposta.

Depois de dois anos trabalhando nos projetos de outras pessoas, finalmente havia recebido a oportunidade de assinar meu próprio guia. Não como prestadora de serviços, nem como a pessoa encarregada de corrigir os erros de alguém mais importante. Meu nome apareceria na página de rosto, e a rota que eu havia planejado se tornaria um dos elementos mais importantes da publicação.

Eu não queria começar aquela parceria admitindo que não conseguia encontrar a trilha certa.

Szczepan olhou na direção da bifurcação.

— O que você quer mostrar às pessoas?

— Uma rota tranquila e acessível. Com belas vistas, alguns lugares para descansar e a possibilidade de completar um circuito sem precisar voltar pelo mesmo caminho.

— Parece sensato.

— Obrigada.

— Desde que você não a desenhe atravessando o quintal de alguém.

Fiquei imóvel.

— Verifiquei o percurso com os materiais disponíveis.

— Eu sei. Por isso sugiro que também o verifique aqui.

Ele se virou e apontou para uma trilha estreita entre as faias. Eu não a havia percebido antes. Era apenas uma faixa quase invisível de terra compactada, parcialmente escondida pelas folhas caídas.

— Um atalho? — perguntei.

— Mais uma maneira diferente de chegar à resposta.

Não comecei a andar imediatamente.

— Você gosta de falar por enigmas?

— Só quando alguém aparece com a resposta pronta.

Eu deveria ter sentido apenas irritação. No entanto, pela primeira vez naquela manhã, tive uma vontade genuína de sorrir.

Peguei o celular para verificar a direção da trilha, mas Szczepan ergueu a mão.

— Por enquanto, prefiro que você não registre esse trecho.

— Por quê?

Durante alguns instantes, ele observou as árvores.

— Porque nem tudo o que pode ser encontrado deveria aparecer imediatamente em um guia.

Não gostei daquela frase. Principalmente por ter sido dita pelo homem que deveria me ajudar a criar um mapa.

— Meu trabalho é mostrar às pessoas lugares que valem a pena visitar.

— E o meu é garantir que, depois da visita delas, esses lugares continuem valendo a pena.

Por um momento, ficamos nos olhando em silêncio.

Eu já sabia que ele não seria um colaborador fácil. Não pertencia ao tipo de pessoa que concorda com tudo apenas para evitar problemas. Pior ainda, tinha aquela tranquilidade particular capaz de transformar uma simples troca de palavras em um desafio.

Guardei o celular no bolso.

— Posso ver aonde essa trilha leva sem prometer que vou deixá-la de fora?

Szczepan me olhou de maneira diferente. Com mais atenção, sem a diversão de antes.

— Pode — respondeu. — É justo.

Entramos entre as árvores.

A trilha era mais estreita do que eu esperava. Os galhos das faias formavam uma abóbada sobre nossas cabeças, e a neblina se infiltrava entre os troncos como leite derramado. Szczepan caminhava à minha frente, mas, quando o terreno ficou mais íngreme, diminuiu o passo, permitindo que eu escolhesse meu próprio ritmo.

Não oferecia ajuda de que eu não precisava. Não comentava minhas botas nem minhas decisões. Só quando chegamos a uma raiz escorregadia ele parou e indicou uma passagem mais segura.

— Pela esquerda, o terreno é mais firme.

— Estou vendo.

— Eu sei.

Sorri sem querer.

Alguns minutos depois, a floresta começou a se abrir. À nossa frente surgiu uma pequena clareira, protegida do vento. Havia ali um velho banco de madeira e, atrás dele, o vale descia em direção às casas, cujos telhados mal apareciam acima da neblina.

Não havia placa informativa, lixeira nem uma trilha larga marcada pelo movimento constante de visitantes. Ainda assim, alguém cuidava daquele banco. As tábuas pareciam ter sido substituídas recentemente, e ao lado havia uma pilha de lenha cuidadosamente organizada sob uma pequena cobertura.

Em um dos encostos, alguém havia entalhado um pequeno coração e duas letras.

Szczepan parou na borda da clareira.

— É lindo aqui — falei baixinho.

Ele não respondeu de imediato.

— Pois é.

Tirei a câmera da bolsa. A luz estava perfeita, suave e prateada, e o lugar tinha tudo o que eu procurava: tranquilidade, uma bela vista e a sensação de descobrir algo extraordinário.

Pelo visor, enxerguei Szczepan.

Ele estava alguns passos adiante, com as mãos enfiadas nos bolsos da jaqueta. Observava a clareira com um carinho que não tentava esconder. De repente, deixou de ser apenas um guia bonito e teimoso. Vi um homem para quem aquele pequeno pedaço de terra significava algo profundamente pessoal.

Abaixei a câmera antes de tirar a fotografia.

— Szczepan?

Ele virou a cabeça.

— Sim?

— Por que você realmente não quer que eu marque este lugar no mapa?

Ele olhou para o banco e depois para mim. Havia mais cautela em seu silêncio do que em toda a nossa conversa anterior.

— Porque, às vezes, um mapa não mostra o que é mais importante.

Aproximei-me até que apenas um passo nos separasse. O cheiro de lã molhada se misturava ao ar frio. Ele não se afastou, mas deixou que eu decidisse a distância que queria manter entre nós.

— E se eu conseguir desenhar algo que você ainda não consegue enxergar? — perguntei.

Por um instante, ele me olhou diretamente nos olhos.

— Então vou ter que aprender a confiar em você.

Eu não sabia por que aquelas palavras haviam soado mais íntimas do que um elogio. Sabia apenas que, pela primeira vez em muito tempo, a opinião de alguém começava a importar mais para mim do que deveria depois de menos de uma hora de convivência.

Szczepan desviou o olhar para o vale, deixando-me espaço para pensar.

E eu contemplei a trilha que ainda não havia registrado e pensei que ainda podia escolher minha própria direção.

Mas será que eu realmente queria voltar sozinha?

Capítulo 1 - A Linha Que Eu Não Queria Mover

Quando descemos da clareira, Szczepan não tentou me convencer de que eu deveria retirá-la do projeto. Aquilo foi quase mais irritante do que seus comentários anteriores. Eu esperava argumentos, advertências e mais uma dose de sabedoria das montanhas sobre pessoas que vinham da cidade achando que sabiam tudo. Em vez disso, ele me conduziu pela floresta, apontou raízes escorregadias e respondeu às minhas perguntas sobre a inclinação do terreno. Comportava-se como um profissional a quem haviam confiado uma tarefa específica. Só quando olhei discretamente para ele percebi a tensão na linha de seu maxilar.

Decidi não voltar ao assunto até reunirmos mais informações.

Minha decisão durou onze minutos.

— Você sabe que não posso deixar uma área em branco no guia só porque alguém gosta daquele lugar, não sabe? — perguntei, saltando sobre um pequeno riacho.

Szczepan parou do outro lado.

— Não pedi que deixasse uma área em branco.

— Pediu que eu não marcasse nada.

— Por enquanto.

— Essa é uma expressão bastante conveniente.

Ele estendeu a mão, indicando uma pedra onde eu poderia apoiar o pé com segurança. Aproveitei a orientação, não a ajuda. Ele aceitou isso sem comentários.

— Kaja, ainda não conheço todo o seu projeto. E você não conhece todo o terreno. Talvez seja melhor verificarmos primeiro com o que estamos lidando.

A maneira como pronunciou meu nome suavizou um pouco o significado de suas palavras. Não soou como uma ordem nem como uma repreensão condescendente. Pareceu mais um convite para uma conversa na qual ambos tínhamos o direito de discordar.

— Tudo bem — respondi. — Mas quero saber quais são suas objeções antes de fazer as alterações.

— Justo.

— Você usa essa palavra quando não consegue encontrar uma resposta melhor?

— Uso quando alguém estabelece uma condição razoável.

— Então não deve usá-la com muita frequência.

Ele sorriu.

— Hoje já é a segunda vez.

Durante a meia hora seguinte, percorremos um trecho que, no meu projeto, estava classificado como uma rota familiar fácil. Na realidade, havia duas subidas íngremes, uma descida desgastada pela água e uma parte em que, depois da chuva, a água escorria pelo meio da trilha. Tirei fotografias, registrei coordenadas e anotei observações. Szczepan não ficava olhando por cima do meu ombro. Quando queria mostrar alguma coisa, esperava que eu terminasse.

Aquela paciência começava a me impressionar.

Paramos por mais tempo perto de uma antiga passagem de drenagem. A água havia desgastado as pedras, e a

passarela improvisada de madeira parecia obra de alguém que tinha mais otimismo do que materiais adequados.

— Os moradores realmente passam por aqui? — perguntei.

— Passam. Mas sabem o que esperar.

— Um turista não vai saber.

— Exatamente.

Agachei-me e examinei a estrutura pela lateral. Uma das tábuas estava se soltando da viga transversal, e o apoio do outro lado havia cedido alguns centímetros.

— Não vou aprovar esse trecho — anunciei.

Szczepan assentiu.

— Concordo.

Olhei para ele, incrédula.

— Assim, sem mais nem menos?

— Você quer que eu discorde só para manter o equilíbrio?

— Seria coerente.

Ele riu. Não foi uma gargalhada alta, mas seu rosto de repente pareceu mais jovem, mais descontraído. Percebi uma pequena ruga perto do olho esquerdo e, inesperadamente, senti vontade de descobrir com que frequência ela aparecia.

Voltei rapidamente às minhas anotações.

— Podemos levar a rota mais para cima, pela crista da montanha — sugeri. — Vai ficar uns seiscentos metros mais longa, mas a inclinação será mais suave.

— Desde que você não mande as pessoas atravessarem um campo particular.

— Existe uma passagem ali.

— Nos mapas antigos.

Suspirei.

— Estou começando a achar que toda a região dos Beskides de Sącz existe exclusivamente para me fazer passar vergonha.

— Não toda. Algumas partes têm outras ocupações.

Entreguei a ele o tablet com o mapa aberto.

— Então me mostre por onde podemos passar.

Ele analisou a tela por alguns instantes. Eu estava ao seu lado, perto o suficiente para enxergar as gotas de umidade na manga de sua jaqueta e uma pequena cicatriz que atravessava a articulação do polegar direito. Ele tinha cheiro de floresta, café e alguma coisa aconchegante, talvez sabonete de cedro. Perguntei-me se sempre prestava tanta atenção nos meus colegas de trabalho.

Não. Definitivamente não.

Szczepan apontou para uma faixa estreita de terreno.

— Por aqui. Uma antiga estrada de serviço. Continua aberta ao público, embora a entrada esteja tomada pela vegetação.

— Tem certeza?

— Vamos verificar o traçado e a situação legal do terreno. Não quero que nossa decisão dependa apenas da minha memória.

Aquelas palavras soaram melhor do que qualquer declaração de competência.

Marquei a alternativa provisória.

— Então você admite que a tecnologia às vezes é útil.

— Nunca afirmei o contrário.

— Você só tem um conflito pessoal com meu tablet.

— Com seu tablet, não. Com sua certeza de que ele está sempre certo, um pouco.

Fechei a capa do aparelho.

— É essa certeza que me permite ganhar a vida.

Szczepan ficou sério.

— Nesse caso, entendo por que você a protege tanto.

Não respondi. Não porque me faltassem argumentos, mas porque sua observação havia atingido uma parte de mim que eu não pretendia revelar.

Certa vez, ouvi de um superior que eu era excelente em corrigir as ideias dos outros, mas não tinha coragem suficiente para defender as minhas. Deixei aquela empresa seis meses depois. Desde então, tratava cada projeto como uma prova de que ele estava errado.

Szczepan não tinha como saber disso. Mesmo assim, a maneira como me olhava despertava em mim a vontade de explicar muito mais do que seria apropriado no primeiro dia em que nos conhecíamos.

Voltamos aos carros durante a tarde. A neblina havia se dissipado, revelando encostas cobertas pelas cores do fim do outono. Minhas pernas estavam agradavelmente cansadas, mas eu já organizava mentalmente uma lista de correções. Antes de ir embora, queria revisar todo o percurso e determinar quais trechos precisavam de verificações adicionais.

Szczepan abriu o mapa de papel sobre o capô de seu veículo todo-terreno. Colocou duas pedras e uma garrafa

térmica sobre as extremidades para impedir que o vento o levasse e apontou para a parte central do circuito planejado.

— Temos um problema aqui.

— Eu sei. A passagem de drenagem.

— Não apenas isso.

Ele indicou uma área que também incluía a clareira.

— Se criarmos uma rota sinalizada passando por aqui, o movimento em toda esta encosta vai mudar.

— Estamos falando de uma trilha de caminhada, não de uma rodovia.

— Entendo a diferença.

— Então?

— Então gostaria que, antes de aprovarmos o percurso, conversássemos com as pessoas que moram ali.

Apoiei as mãos no capô.

— Consultas aos moradores não fazem parte do meu contrato.

— O contato com os moradores faz parte do meu.

— Isso não significa que cada proprietário possa decidir o que vai aparecer no guia.

— Não estou propondo uma votação sobre seu mapa.

— Então o que está propondo?

— Que você não publique o traçado exato dessa alternativa até descobrirmos quem será afetado pelo aumento do movimento.

Senti aquela resistência familiar. A editora esperava de mim um produto concreto, o cronograma estava apertado e parte dos meus honorários dependia da entrega pontual do

material. Eu não podia permitir que o projeto se transformasse em uma sequência interminável de conversas.

— Tenho quatro semanas para concluir o trabalho de campo — expliquei. — Não vou esperar meses por uma autorização indefinida.

— Não estou pedindo meses.

— E se os moradores disserem não?

Szczepan permaneceu em silêncio por alguns instantes.

— Então teremos que considerar se existe uma solução que não transfira todo o custo do nosso trabalho para eles.

— Nosso trabalho?

— Nós dois vamos assinar a documentação de campo.

Olhei para ele com mais severidade.

— Isso não significa que você tenha o direito de bloquear meu projeto.

— Não tenho. Mas posso me recusar a confirmar a segurança e a adequação da rota às condições reais se não houver fundamentos para isso.

Ele disse aquilo tranquilamente. Sem ameaças, sem elevar a voz. Foi justamente por isso que levei suas palavras a sério.

— Você está me dando um ultimato?

— Estou estabelecendo uma condição para a minha própria assinatura.

Durante alguns segundos, ouvi apenas o ruído de um carro passando pela estrada abaixo do estacionamento.

— Você sabe que posso pedir à editora outro consultor?

— Sei.

— E isso não preocupa você?

Ele me observou atentamente.

— O que me preocupa mais é que, nesse caso, não estaríamos tendo esta conversa.

Virei o rosto, fingindo interesse pelo mapa. Ele tinha uma habilidade quase indecente de responder de um jeito que fazia a pessoa perder a vontade de continuar discutindo, sem que ela necessariamente se sentisse convencida.

Peguei o celular e liguei para Magda, a editora responsável pelo projeto.

Ela atendeu depois do terceiro toque.

— Kaja? Como está o trabalho de campo?

— Mais interessante do que imaginávamos. Tenho uma proposta de correção de um trecho e preciso confirmar até quando podemos adiar a aprovação definitiva do percurso.

— É uma mudança grande?

— Potencialmente importante. Não quero aprovar algo que ainda não verificamos.

Magda suspirou.

— A diagramação começa daqui a cinco semanas. Se você me entregar o percurso definitivo em três, ainda conseguimos cumprir o prazo. Mas não depois disso.

— Entendido.

Encerrei a ligação e olhei para Szczepan.

— Três semanas. É o tempo que temos para fazer as verificações e conversar com os moradores. Nada de consultas intermináveis.

— É suficiente para começar.

— E nada de esconder informações de mim.

Seu rosto ficou imóvel por um instante.

— Combinado.

— Szczepan, estou falando sério.

— Eu também.

Estendi a mão por cima do mapa.

— Então vamos trabalhar juntos. Mas as decisões sobre o conteúdo do guia são minhas. Você avalia o terreno, a segurança e apresenta a posição dos moradores. Se discordarmos, registramos as divergências.

Ele apertou minha mão.

— E se descobrirmos que você está certa?

— Vai ter que admitir.

— Parece doloroso.

— Você se acostuma.

Ele não soltou minha mão imediatamente, embora também não tentasse retê-la. Fui eu quem demorou uma fração de segundo a mais para afastar os dedos. Tenho quase certeza de que ele percebeu, mas teve a delicadeza de não comentar.

Por fim, retirei a mão e comecei a dobrar o mapa.

— Amanhã, às nove? — perguntei.

— Às nove. Perto da ponte em Rytro. Vou mostrar uma alternativa que não aparece nos seus materiais.

— Outra trilha misteriosa?

— Desta vez, uma que eu mesmo gostaria de ver no guia.

Aquilo me surpreendeu.

— Então você não é contra o turismo?

— Nunca fui.

— Você tem uma maneira muito complicada de demonstrar apoio.

— E você tem uma maneira muito simples de presumir que alguém está contra você.

Abri a boca, mas não encontrei uma resposta que não soasse infantil.

Szczepan retirou as pedras do mapa e o enrolou cuidadosamente.

— Quero que esse guia seja bom, Kaja. De verdade. Não porque meu nome vai aparecer na documentação. Simplesmente porque as pessoas vão utilizar aquilo que prepararmos.

Não havia cortesia profissional em sua voz. Ele parecia alguém que já tinha testemunhado as consequências de decisões alheias aparentemente insignificantes.

— Para mim também é importante — respondi, mais baixo.

— Eu sei.

— Não sabe.

Ele hesitou.

— Você tem razão. Ainda não.

Aquela única palavra me trouxe um alívio inesperado. Ele não fingia conhecer minhas motivações. Não tentava resolver em duas frases problemas dos quais eu nem sequer havia lhe falado.

À noite, espalhei meus materiais sobre a mesa do apartamento que havia alugado em Piwniczna-Zdrój. Chovia

do lado de fora, e uma caneca de chá, que já havia esfriado havia muito tempo, estava sobre o parapeito da janela. Na tela do computador, eu tinha três versões abertas do percurso. Cada uma resolvia um problema e criava outro.

Trabalhei durante quase duas horas antes de perceber que continuava voltando ao trecho que incluía a clareira.

Eu não tinha uma fotografia dela.

Lembrei-me do momento em que havia abaixado a câmera. Na ocasião, fora uma decisão espontânea, provocada por alguma coisa na expressão de Szczepan. Agora eu me perguntava se não havia cometido um erro profissional. A documentação fotográfica deveria estar completa, independentemente dos sentimentos pessoais.

Abri o arquivo com a ortofotografia. Perto da clareira, apareciam algumas pequenas construções às quais se chegava por uma estrada estreita. Na camada cartográfica mais antiga, os arredores tinham uma aparência diferente. Marquei as diferenças, mas não conseguia determinar quais eram relevantes.

Meu celular vibrou.

Um número desconhecido.

"Amanhã a crista da montanha pode estar escorregadia. Leve luvas melhores do que as de hoje. Szczepan."

Li a mensagem duas vezes.

"Minhas luvas eram adequadas."

A resposta chegou quase imediatamente.

"Para segurar o celular. Não para se apoiar em corrimãos molhados."

Sorri para a tela.

"Você sempre avalia o equipamento dos seus colegas de trabalho?"

"Só daqueles que tentam negociar com a gravidade."

Recostei-me confortavelmente na cadeira.

"Até amanhã, às nove."

Durante alguns instantes, três pontinhos indicaram que ele estava escrevendo uma resposta. Depois desapareceram. Finalmente, surgiram as palavras:

"Até amanhã, Kaja. E não trabalhe até meia-noite."

Olhei para o relógio. Eram onze e quarenta e oito da noite.

Ele não tinha como saber como havia sido minha noite. Provavelmente estava apenas supondo. Mesmo assim, senti que alguém havia reparado em mim de uma maneira que nem elogios profissionais nem novos contratos assinados conseguiam proporcionar.

Fechei o computador, mas, antes de dormir, voltei mais uma vez ao mapa de papel.

No centro dele corria uma linha vermelha que eu havia passado muitas semanas desenhando. Conhecia cada curva e cada ponto de descanso planejado. Tinha orgulho dela.

Agora, depois de apenas um dia em campo, precisava admitir que nem todas as respostas estavam onde eu as havia colocado.

Entretanto, o que mais me inquietava era outra coisa.

Eu não sabia se desejava mais defender meu próprio projeto ou voltar a encontrar, no dia seguinte, o homem que conseguia abalar minhas certezas com tanta facilidade.

Capítulo 2 - Os Lugares Aos Quais Voltamos

Na manhã seguinte, cheguei a Rytro quinze minutos antes do horário combinado. Estava com luvas novas, uma garrafa térmica de café e a determinação de me comportar como uma profissional sensata durante todo o dia.

A última parte acabou sendo a mais difícil.

Szczepan já me esperava perto da ponte. Estava encostado no carro, conversando ao telefone e gesticulando discretamente com a mão livre. Quando me viu, fez um gesto com a cabeça, mas não interrompeu a conversa. Só depois de um momento ouvi sua última frase.

— Vou passar aí à tarde. Se precisar carregar alguma coisa, faço isso antes de escurecer.

Guardou o celular e se aproximou de mim.

— Bom dia, senhora cartógrafa.

— Bom dia, senhor guia.

Ele olhou para minhas luvas.

— Vejo que houve progresso.

— Comprei por vontade própria.

— Claro.

— E não espero nenhum comentário.

— Nesse caso, vou me abster de elogiar.

Ele estava de excelente humor. Eu invejava aquela descontração, porque havia dormido pouco mais de cinco horas. Antes de adormecer, verificara mais três alternativas de percurso, lera meu contrato duas vezes e me perguntara

uma vez se seria apropriado escrever alguma coisa para Szczepan que não estivesse relacionada ao trabalho.

Felizmente, não escrevi.

— Vamos começar pela trilha que leva até a crista — anunciou. — Depois desceremos por um trecho mais antigo da estrada. Quero que você compare as duas alternativas.

— E eu gostaria de estabelecer algumas regras antes que comecemos a discutir novamente sobre o mapa.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Preparou um regulamento?

— Quase.

Peguei meu caderno. Ele não riu, embora eu percebesse que estava com vontade.

— Primeiro, toda proposta de alteração precisa ter uma justificativa. Segundo, não eliminamos um trecho simplesmente porque alguém não gosta dele. Terceiro, informações importantes para o projeto devem ser compartilhadas imediatamente.

— Parece bom.

— E quarto, se quisermos conversar sobre assuntos pessoais, faremos isso fora das discussões profissionais.

Dessa vez, ele realmente sorriu.

— Essa última regra é particularmente interessante.

— Por quê?

— Porque eu não sabia que você estava planejando conversar sobre assuntos pessoais.

Senti um calor subir por dentro da gola da jaqueta.

— Não estou planejando nada. Quero evitar mal-entendidos.

— Entendo.

— Szczepan.

— Kaja.

Ele me observava com tanta tranquilidade que comecei a suspeitar que compreendia perfeitamente o que eu tentava esconder.

— Podemos começar a caminhar? — perguntei.

— Podemos.

A nova alternativa se revelou muito melhor do que eu esperava. Seguia por uma encosta suave, atravessava uma pequena clareira e se conectava a uma trilha já sinalizada. Não oferecia as vistas espetaculares de que os editores de guias turísticos tanto gostavam, mas proporcionava algo igualmente valioso: um ritmo natural de caminhada.

Szczepan me deixou ir à frente. Quando chegávamos a uma bifurcação, ele não indicava automaticamente o caminho correto. Esperava que eu verificasse o percurso, avaliasse o terreno e tomasse uma decisão. Só depois apresentava suas observações.

Após uma hora, comecei a entender que ele fazia aquilo de propósito.

— Não precisa ficar me testando — falei.

Ele parou.

— Não estou testando você.

— Ontem você sabia a resposta para todas as perguntas. Hoje, de repente, finge que não sabe aonde ir.

— Porque hoje estamos verificando se alguém que não conhece o terreno conseguiria encontrar o caminho.

Olhei para ele, surpresa.

— Então sou uma participante do teste?

— Você é a responsável pelo projeto da rota e precisa enxergá-la pelos olhos de um futuro turista.

Pensei naquilo.

— Essa, por acaso, é uma boa ideia.

— Vou anotar a data.

— Não exagere.

— O primeiro elogio que recebo de você. Vale a pena guardar.

Ri e senti que a tensão do dia anterior começava a diminuir.

Na bifurcação seguinte, precisei escolher entre duas trilhas. Uma era larga, mas descia de maneira bastante íngreme. A outra, mais estreita, contornava suavemente a colina.

Escolhi a segunda.

Szczepan assentiu.

— Por quê?

— Menor diferença de altitude, terreno mais estável e melhor visibilidade das próximas curvas. Será mais confortável para famílias com crianças.

— E para pessoas mais velhas?

Examinei a superfície da trilha.